

## CONCORDÂNCIA VERBAL COM SUJEITO POSPOSTO NA MÍDIA IMPRESSA DO RIO GRANDE DO SUL

Luciane Cezar Lopes<sup>1</sup>, Taíse Simioni<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Curso de Letras – Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Bagé, RS, Brasil.

<sup>2</sup>Curso de Letras – Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Bagé, RS, Brasil.

lucianecezarlopes81@gmail.com, taisessimioni@unipampa.edu.br

**Resumo.** *O presente estudo está fundamentado na sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]) e tem o intuito de verificar a presença da variação na concordância verbal com sujeito posposto de terceira pessoa do plural em jornais impressos do Rio Grande do Sul. Como variáveis linguísticas, observamos a possível influência da saliência fônica e do traço semântico do sujeito. Em relação às variáveis extralinguísticas, verificamos se o tipo de jornal, [+ ou – popular], e os gêneros textuais, [+ ou – monitorados], exercem papel na realização do fenômeno sob análise. Analisamos 40 edições dos jornais “Diário Gaúcho” e “Zero Hora”: respectivamente, 20 do jornal considerado [+popular] e 20 do jornal considerado [-popular]. As edições analisadas incluíram o período de setembro de 2020 a dezembro de 2020. Não foi identificada nenhuma ocorrência de ausência de marcas de concordância nos dados de sujeito posposto, o que se configura como um caso em que não houve variação na concordância verbal no corpus sob análise, ao contrário do que era esperado. Uma das hipóteses que podemos ter em relação a não encontrar dados de não-concordância em nosso trabalho pode ser o processo de normatização na escrita, associado ao fato de que o fenômeno variável concordância verbal é fortemente estigmatizado em comparação com outros fenômenos cuja variação já se encontra registrada na escrita.*

**Palavras-chave:** *Variação linguística, concordância verbal, sujeito posposto.*

**Abstract.** *This study is based on Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]) and it aims to verify the presence of variation in verbal agreement with postverbal third person plural subjects in printed newspapers in Rio Grande do Sul. We observed the possible influence of the phonic salience and the semantic features of the subject. Regarding extralinguistic variables, we verified whether the type of newspaper, [+ or – popular], and textual genres, [+ or – monitored], play a role in the realization of the phenomenon under analysis. We analyzed 40 editions of the newspapers “Diário Gaúcho” and “Zero Hora”: respectively, 20 of the newspaper considered [+popular] and 20 of the newspaper considered [-popular]. The analyzed editions included the period from September 2020 to December 2020. No occurrence of absence of agreement markings in the data was identified, which is configured as a case in which there was no variation in the verbal agreement in the corpus under analysis, contrary to what was expected. One of the hypotheses in relation to not finding non-agreement data in our work may be the process of standardization in writing, associated with the fact that the absence of verbal agreement is strongly stigmatized compared to other phenomena whose variation is already found in writing.*

**Keywords:** *Linguistic variation, verbal agreement, postverbal subject.*

## 1. Introdução

O presente trabalho verifica a presença da variação da concordância verbal com sujeito posposto de terceira pessoa do plural em jornais impressos do Rio Grande do Sul. O estudo partiu do pressuposto de que seriam encontradas duas variantes: a presença de marcas de concordância, como em “chegaram as encomendas”, e a ausência de tais marcas, como em “chegou as encomendas”. Para a realização deste trabalho, buscou-se a fundamentação teórica na sociolinguística variacionista (LABOV, 2008[1972]). Segundo Mollica (2019, p. 10-11), “A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”.

Para a realização do presente estudo, selecionamos como *corpus* da pesquisa edições dos jornais *Diário Gaúcho* e *Zero Hora*. As variáveis linguísticas analisadas foram: o traço semântico do sujeito e a saliência fônica. Quanto às variáveis extralinguísticas, analisamos: os tipos de jornais, caracterizados como [+ e – populares], e os gêneros textuais, caracterizados como [+ e – monitorados]. Com base nesse *corpus*, traçamos como objetivo verificar a presença da variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural com sujeito posposto em jornais em circulação no Rio Grande do Sul. Mollica (2006, p. 171) ressalta a importância da realização de pesquisas que observem a variação presente na escrita, “com vistas à constituição de um painel mais claro quanto à correlação do comportamento sistemático do dinamismo da língua falada e escrita”.

Este trabalho está organizado em cinco seções. Após esta introdução, na revisão da literatura, trazemos conceitos essenciais relacionados à sociolinguística variacionista e resultados de pesquisas que abordam fenômenos linguísticos pertinentes a esse estudo. Na metodologia, são descritos os procedimentos de coleta e análise dos dados. Na sequência, apresentamos e discutimos os resultados obtidos. E, nas considerações finais, apontamos sugestões para continuidade desse estudo.

## 2. Revisão da literatura

As seções 2.1, 2.2 e 2.3 estão organizadas da seguinte forma: a primeira apresenta alguns conceitos essenciais relativos à sociolinguística variacionista; a segunda trata de estudos realizados sobre os fenômenos linguísticos da variação na fala que se refletem na escrita, em especial na escrita da mídia; a terceira e última aborda, especificamente, o fenômeno da concordância verbal.

### 2.1. A sociolinguística variacionista

Labov (2008), considerado o grande precursor da sociolinguística variacionista, durante muitos anos resistiu em aceitar o termo “sociolinguística”, já que, para ele, língua e sociedade devem sempre fazer parte dos estudos da linguística. Desta forma, não faria sentido introduzir o termo “social” na “linguística”, visto que aceitar o termo

“sociolinguística” seria o mesmo que concordar que existe uma forma de linguística que não leva em conta o social.

De acordo com os princípios dos estudos sociolinguísticos, a língua analisada nas comunidades de fala fornece dados importantes para a compreensão dos processos de variação e mudança linguística na sociedade. Segundo Mollica (2019, p. 9), “a sociolinguística é uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. Ainda segundo a autora,

Cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Assim, compreende-se que a variação e a mudança são contextualizadas, constituindo o conjunto de parâmetros um complexo estruturado de origens e níveis diversos (MOLLICA, 2019, p. 11).

Como explica Mollica (2019), a variação linguística se faz presente em todas as línguas e está pautada na existência de formas linguísticas alternativas que recebem o nome de variantes. No caso da concordância verbal, objeto de análise do presente estudo, as variantes são a presença de marcas de concordância e a sua ausência.

A variação linguística é condicionada por variáveis. Sobre o assunto, Vieira (2019) traz exemplos de estudos referentes ao fenômeno da concordância verbal e seus possíveis elementos condicionadores, que podem ser divididos em variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas. Como exemplo de variável linguística mencionada pela autora, temos a posição do sujeito. Conforme mostra a autora, o sujeito posposto favorece a presença da não-concordância, como em “chegou as encomenda(s)”, enquanto o sujeito anteposto favorece a presença da concordância, como em “as encomenda(s) chegaram”. Como exemplo de variável extralinguística relevante para o fenômeno da concordância verbal temos a idade. Segundo mostram os resultados discutidos por Vieira (2019), os informantes considerados mais velhos podem apresentar uma tendência maior a não realizar a marcação de concordância.

Outro fator de suma importância para compreendermos os processos de mudança na língua é a avaliação das variantes linguísticas, que podem ser consideradas como mais ou menos prestigiadas. No que se refere a variantes mais ou menos prestigiadas, Mollica (2019, p. 13) explica que

Toda língua apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima.

No que diz respeito ao tema deste trabalho, a não concordância é vista com estigmatização pela escola e pela sociedade. Segundo Vieira,

A não-realização da regra de concordância verbal, no português do Brasil, constitui, sem dúvida, um traço de diferenciação social, de cunho estigmatizante, que se revela, com mais nitidez, no âmbito escolar (VIEIRA, 2019, p. 85).

Já como exemplo de variação em que uma variante não é mais prestigiada do que outra, podemos citar a alternância no uso dos pronomes pessoais do caso reto “nós” e “a gente”. Segundo Lopes (2019, p. 113), “a substituição de *nós* por *a gente* está se

efetivando progressivamente, seja entre falantes cultos, seja entre os não-cultos”. Dessa forma, entendemos que a alternância dessas variantes não é um fator que causa estigma e tampouco está atrelada a mais prestígio social.

Na seção 2.2, apresentamos fenômenos linguísticos presentes na fala que podem se refletir na escrita.

## 2.2. Fenômenos linguísticos variáveis na fala que se refletem na escrita

Nesta seção, tratamos de fenômenos linguísticos variáveis presentes na fala que migram para a escrita. Para tanto, trazemos resultados de pesquisas realizadas por Tesch, Yacovenco e Scherre (2014), Mollica (2006) e Gomes (2007).

As pesquisas variacionistas com base laboviana, segundo Tesch, Yacovenco e Scherre (2014), ajudam a compreender a introdução de alguns fenômenos variáveis na escrita brasileira. Dentre os cinco fenômenos variáveis analisados pelas autoras, três não sofrem estigma, que são a expressão do futuro do presente, a expressão gramatical do imperativo e o uso de “a gente” na sua manifestação pronominal. Em contrapartida, a concordância verbal de terceira pessoa do plural e a expressão gramatical do objeto direto anafórico sofrem estigma.

Há uma ressalva, mencionada pelas autoras, de que alguns desses fenômenos não são realizados segundo as regras prescritas nos compêndios normativos, mas os usuários não percebem que não estão usando tais regras, pelo fato de que algumas das variantes estão mais encaixadas linguisticamente, o que torna imperceptíveis aos olhos do leitor ou redator tais “erros” (TESCH; YACOVENCO; SCHERRE, 2014).

No que se refere aos fenômenos variáveis que não sofrem estigma<sup>1</sup>, iniciamos pela expressão do futuro do presente, que possui quatro variantes:

- 1) futuro simples: “Domingos Martins concorre com mais 17 municípios ao título; o governo da cidade **receberá** premiação” (A Gazeta, 30 junho de 2008).
- 2) perífrase com “ir” no futuro + verbo no infinitivo: “Vale dizer, a cada nova despesa, que represente benefício ou serviço, deve se determinar a fonte – dos recursos que lhe **irão dar** consistência para materialização” (A Gazeta, 30 de junho de 2008);
- 3) presente do indicativo: “**Começa** amanhã à tarde na área de desembarque do Aeroporto de Vitória uma ação promocional para turistas que visitam o estado” (A Gazeta, 3 de julho de 2008);
- 4) perífrase com “ir” no presente + verbo no infinitivo: “Vejam vocês, para ser submetido a uma operação séria, **vai entregar** seu corpo a um médico especialista e fica estupefato com o preço que ele cobra, caso procure um particular” (A Gazeta, 05 de julho de 2008).

<sup>1</sup> Os excertos foram retirados de Tesch, Yacovenco e Scherre (2014).

Segundo as autoras, para as formas perifrásticas, que estão nos exemplos 2 e 4, não há reação negativa dos falantes, pois elas não são estigmatizadas, mesmo que a variante prescrita pela tradição gramatical seja o futuro simples, exemplificado em 1.

Quanto à expressão gramatical do imperativo, que possui duas variantes, a forma imperativa associada ao subjuntivo, como no exemplo “Fale comigo!”, e o imperativo associado ao indicativo, como no exemplo “Fala comigo!”, as autoras constataam que

O fato que importa especialmente para a nossa abordagem nesse texto é que a variação do imperativo, bastante divergente do registro da tradição gramatical, não é alvo de estigma; e, nos termos da síntese de Scherre (2005; 2012), não revela efeitos sociais, na escala vertical, relacionada, por exemplo, aos anos de escolarização dos falantes. Mais importante ainda para as nossas reflexões a respeito de que variações entram na escrita é o estudo da variação do imperativo em revistas da turma da Mônica, iniciada em 1992, como relata Scherre (2005, p. 115-128) (TESCH; YACOVENCO; SCHERRE, 2014, p. 95).

Conforme as autoras, a forma imperativa associada ao indicativo possui passe livre na escrita de quadrinhos da região sudeste, sem sofrer qualquer estigma.

Já a realização pronominal da primeira pessoa do plural é tratada como sem variação pela tradição gramatical, mas a alternância entre as variantes “nós” e “a gente” é muito comum na fala. Sobre o assunto, Tesch, Yacovenco e Scherre (2014) trazem informações relevantes de que, em revistas em quadrinhos, que é considerado um gênero híbrido, no qual surgem marcas de oralidade, observa-se a variação na primeira pessoa do plural, mas essa variação não é tão recorrente quanto a que é encontrada na fala. Segundo as autoras, a variação na primeira pessoa do plural não é estigmatizada, portanto esse é um dos fatores que facilita a entrada da forma inovadora “a gente”, nos textos em quadrinhos, propaganda e jornais.

Conforme mencionado, os fenômenos variáveis analisados que sofrem estigma, segundo Tesch, Yacovenco e Scherre (2014), são a concordância verbal, com estigma total, e o objeto direto anafórico, com estigma parcial.

Em relação à concordância verbal, em estruturas com sujeito complexo mais encaixado linguisticamente, é menos perceptível quando não ocorre a concordância padrão<sup>2</sup>. Dessa forma, a tendência é não haver estigma, como no exemplo de sujeito mais longo: “As novas atribuições dos prefeitos faz crescer a resistência à reforma agrária (Folha de São Paulo, 10/09/1995)” (TESCH; YACOVENCO; SCHERRE, 2014, p. 90). Entretanto, estruturas como “as encomenda(s) chegou” dificilmente passariam em uma revisão de escrita monitorada, uma vez que a não concordância com sujeito menos complexo é muito mais perceptível. Sobre o tema, as autoras ponderam que

A ausência de concordância na fala brasileira é sujeita a forte avaliação negativa, a que se atribui forte estigma. Scherre (2005) apresenta diversas situações da repulsa à ausência de concordância pela mídia brasileira (TESCH; YACOVENCO; SCHERRE, 2014, p. 101).

<sup>2</sup> Destacamos, aqui, a diferença na complexidade do sujeito anteposto para a avaliação da ausência de concordância. Ressaltamos, contudo, que, na oposição entre sujeito anteposto e sujeito posposto, a ausência de concordância no segundo caso tenderá a não sofrer estigma.

Já em relação ao objeto direto anafórico, como mostram Tesch, Yacovenco e Scherre (2014), há quatro variantes, tanto na fala quanto na escrita. São elas: sintagma nominal, clítico, categoria vazia e pronome lexical. Vejamos alguns exemplos:

- 1) sintagma nominal: “Pintor reencontra Neném, mas decide doar **a cadela**” (A Gazeta, 10 de outubro de 2003);
- 2) clítico: “O pintor Eduardo Oliveira conseguiu rever a cadela Neném, após ficar um dia preso, mas decidiu entregá-**la** para adoção” (A Gazeta, 10 de outubro de 2003);
- 3) categoria vazia: “Estado tem dinheiro, mas não consegue gastar **0**” (A Gazeta, 18 de outubro de 2013);
- 4) pronome lexical: “Ele estava atravessando o negócio, queria tomar a boca do Betinho. **Aí**, eu matei **ele**” (A Gazeta, 2008).

As autoras constataram que, na fala, a variante mais frequente foi a categoria vazia e a variante apresentada com menos frequência foi o clítico. Já, na escrita, a variante mais recorrente foi o sintagma nominal anafórico e a segunda mais usada foi o clítico. Com relação ao pronome lexical, as autoras destacam que se trata de uma variante pouco usada tanto na fala quanto na escrita. Seu uso envolve estigma social, e a escolaridade é uma variável atuante na sua realização. Conforme Tesch, Yacovenco e Scherre (2014, p. 98), esta variante, na escrita jornalística, “só se dá em entrevistas, isto é, no gênero discursivo em que se dá voz a uma pessoa”.

Quanto aos cinco fenômenos analisados, Tesch, Yacovenco e Scherre (2014, p. 104) concluem que “há uma tendência de se rotularem de *erradas* as formas que fazem correlação estreita com classe social, mesmo que façamos uso destas mesmas formas na fala espontânea e na escrita revisada”.

Mollica (2006) também traz contribuições significativas a respeito de fenômenos variáveis presentes na fala que se refletem na escrita. A pesquisadora analisou quatro jornais: *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Extra* e *O Povo*. Os dois primeiros são direcionados para um público de classe média alta e foram considerados como [-populares], e os outros dois destinam-se a um público de classe média baixa ou baixa e foram considerados como [+populares]. Os gêneros analisados foram horóscopo, cartas e crônicas. Segundo a autora, no caso de estruturas mais marcadas e que sofrem estigma social na fala, há uma maior resistência a mudanças na escrita.

Os fenômenos variáveis analisados por Mollica (2006) se referem ao que a autora chama de “simplificações estruturais”, ou seja, o “cancelamento de preposições em sentenças complexas”, resultando em construções queístas e construções cortadoras. De acordo com a autora, as construções com queísmo estão presentes na língua portuguesa há muito tempo:

O queísmo (cf. Mollica 1989, 1995) é entendido como a supressão de nexos prepositivos diante de conjunção integrante cuja subordinada pode ter mais de uma função em relação à matriz. Nos estudos referidos, ficou provado que o queísmo está presente na língua portuguesa desde os seus primórdios. Trata-se de operação natural do sistema seguindo a preferência à transitividade direta (MOLLICA, 2006, p. 168).

No que se refere às estruturas cortadoras, a autora afirma que

As chamadas estruturas cortadoras (Mollica 1997, Tarallo 1993) apresentam também o cancelamento da preposição, porém diante do pronome relativo 'que'. A função do pronome varia de acordo com a relação interna dos elementos da cláusula relativa (MOLLICA, 2006, p. 168).

Nos resultados de escrita, nos jornais brasileiros, a pesquisa mostra a presença dos dois fenômenos variáveis. Os recortes retirados do texto de Mollica (2006), apesar de representarem uma escrita monitorada, não seguem a prescrição da tradição gramatical:

- 1) estrutura queísta: “Há rumores entre os consumidores **o que** comer fora é mais econômico” (JB, 26 de abril de 2004, Cartas);
- 2) estrutura cortadora: “Foi com ele, nos tempos **o que** fui seu secretário na diretoria da Mangueira, que pude aprender alguns ensinamentos” (Povo, 20 de abril de 2004, Crônicas).

Dentre seus resultados, Mollica (2006) verificou que há uma diferença importante: a estrutura queísta é bem mais recorrente nos jornais do que a estrutura cortadora. Segundo Mollica (2006), não há diferença significativa em relação aos tipos de jornais no que diz respeito ao queísmo. Já em relação ao tipo de jornal e ao fenômeno da estrutura cortadora, foram obtidos os seguintes resultados: em jornais considerados [+populares] a presença da estrutura cortadora foi favorecida, já em jornais [-populares] tal presença não foi favorecida. Mollica (2006, p. 170) argumenta que “a mudança na escrita tem ‘portas de entrada’, [...], ficando a questão a merecer investigação aprofundada, com vistas à construção das bases para uma Teoria da Mudança na Escrita”.

Gomes (2007) também aborda tendências conservadoras e inovadoras que fazem parte dos processos de variação na fala que se refletem na escrita. Conforme Gomes (2007, p. 9), embora a escrita seja mais conservadora, ainda assim o falante não está “imune a transferir a fala para a escrita”. O tema estudado pela autora foi o uso variável do dativo anafórico no português brasileiro em textos jornalísticos. Foram analisadas três variantes que introduzem o complemento verbal: a preposição “a”, a preposição “para” e a preposição nula<sup>3</sup>:

- 1) preposição “a”: “Ontem, em uma atitude inusitada, depois de fugir do abrigo em que estava desde o dia 16 de outubro, o menor F, 12 anos, acompanhado de dois amigos, resolveu pedir socorro pessoalmente **ao** juiz” (Notícias, JB);
- 2) preposição “para”: “Essas mudanças culturais, no entanto, mexeram com a vida da grande classe média que, se no primeiro mandato se deliciou com a valorização do real e incorporou hábitos dolarizados no seu dia-a-dia, viu-se frustrada nos últimos anos com o rigor do controle das contas públicas, que não permitiu aumento salariais generalizados, **para o funcionalismo público**, por exemplo” (Globo, opinião);
- 3) preposição nula: “Mas não dê crédito aos bajuladores e **(o)** os que prometem demais” (Povo, Horóscopo).

Dos dados de preposições analisadas na escrita de jornais, a preposição “a” ocorreu com maior frequência e a preposição “para” ocorreu com menor frequência, enquanto a

<sup>3</sup> Os exemplos foram retirados de Gomes (2007).

preposição nula ocorreu em apenas um contexto dos que foram analisados. Diante desses resultados, Gomes (2007, p. 16) afirma que

O estudo da variação linguística em textos de jornais, relativo aos diferentes processos de expressão do dativo no PB, revelou que coexistem aspectos conservadores e inovadores na realização das estruturas linguísticas na língua escrita. Se, de um lado, a língua escrita retém formas em vias de desaparecimento do sistema linguístico em função dos processos de mudança que operam nas línguas, por outro, também está sujeita à influência da mudança que se manifesta na língua oral.

Em suma, buscamos apresentar, com base em resultados de pesquisas, como os fenômenos variáveis presentes na fala podem se refletir na escrita, em especial na escrita de jornais. Como afirmam Tesch, Yacovenco e Scherre (2014, p. 103), “são as interações sociais, e não a prescrição gramatical, que determinam o uso das formas linguísticas”.

### 2.3. O fenômeno variável da concordância verbal

Nesta seção, discorremos sobre o fenômeno da concordância verbal de número de terceira pessoa do plural, com base nos estudos de Tesch, Yacovenco e Scherre (2014), Monguilhott e Coelho (2011) e Cardoso (2004)<sup>4</sup>.

Sabemos que a ausência de concordância verbal em contextos de fala e de escrita pode ser alvo de críticas e estigmatização, como foi mencionado anteriormente. Segundo Tesch, Yacovenco e Scherre (2014), a variação linguística é um processo inerente às línguas no mundo. Além dos aspectos linguísticos estruturais presentes no fenômeno variável da concordância verbal de número, como posição do sujeito, traço semântico do sujeito e saliência fônica, há um forte marcador social e estilístico. Muitas vezes, por falta de conhecimento em relação a tais fenômenos linguísticos, o conceito de “erro” surge em julgamentos pré-estabelecidos. Embora haja a busca pela homogeneidade na concordância, a variação sistemática permanece e se faz presente tanto na fala quanto na escrita.

Segundo Monguilhott e Coelho (2011, p. 308), que analisaram dados de fala e de escrita, de diferentes regiões do Brasil, a posição do sujeito em relação ao verbo é um forte condicionador para a não marcação de concordância verbal:

Ao controlarmos os condicionadores internos da não marcação de concordância verbal, nesse trabalho, procuramos investigar particularmente a variável posição do sujeito em relação ao verbo por acreditarmos que a posição do sujeito é um dos principais contextos sintáticos de restrição à marcação de concordância verbal de terceira pessoa do plural.

Apesar de a concordância ser vista como um forte marcador social, as autoras verificaram que a variável nível de escolaridade não tem influência quanto à não ocorrência de concordância com sujeito posposto. Conforme as autoras, o sintagma posposto pode ser visto como objeto por alguns falantes.

<sup>4</sup> Esses trabalhos observam outras variáveis além das que são mencionadas na sequência, no entanto damos destaque para aquelas que são analisadas neste trabalho.

Outra variável presente no estudo de Monguilhott e Coelho (2011) que apresenta resultados que podem favorecer ou desfavorecer a ocorrência da concordância verbal é o traço semântico do sujeito. Vejamos alguns exemplos retirados do trabalho das autoras.

Traço [+humano] do sujeito:

1) “**As pessoas** começaram a ir pra Lagoa” (PBCLFVS07);

Traço [-humano] do sujeito, com sujeito posposto:

2) “Aí começou **os horário de cinco e meia**” (PBCLFVS07).

Monguilhott e Coelho (2011), com relação às variáveis traço semântico e posição do sujeito, observaram que o traço [-humano] e sujeitos pospostos tendem a desfavorecer a concordância verbal, enquanto o traço [+humano] e sujeitos antepostos tendem a favorecer a ocorrência da concordância verbal.

Já no que se refere à variável saliência fônica, Cardoso (2004) traz contribuições, uma vez que analisou especificamente a atuação de tal variável na fala de uma moradora da periferia urbana do Distrito Federal. Conforme a autora, os níveis de saliência fônica, quando forem mais marcados e mais salientes (como em “é/são”), contribuem para a ocorrência da concordância verbal, já em contextos em que esses níveis forem menos marcados e menos salientes (como em “canta/cantam”), a tendência será de desfavorecer a concordância verbal.

Na seção 3, será descrito como foram realizadas a coleta e a análise de dados para a realização deste trabalho.

### 3. Metodologia

Neste trabalho, objetivamos, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]), verificar a presença da variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural com sujeito posposto na escrita, tendo por variantes a realização da concordância verbal, como em “chegaram as encomendas”, e a não-concordância verbal, como em “chegou as encomendas”. Apesar de a ausência de concordância verbal ser fortemente estigmatizada, como mencionado anteriormente, a expectativa era a de que ela pudesse ocorrer em textos de jornais em uma estrutura linguística mais encaixada, como é o caso do sujeito posposto, contexto em que a falta de concordância poderia ser menos perceptível.

Para tanto, analisamos 40 edições impressas dos jornais *Diário Gaúcho* e *Zero Hora*. As edições analisadas incluíram o período de setembro de 2020 a dezembro de 2020. Para a coleta dos dados, analisamos primeiro as edições do jornal *Diário Gaúcho* e encontramos um total de 60 dados. Em relação ao jornal *Zero Hora*, coincidentemente encontramos a mesma quantidade de dados no período sob análise.

Na sequência descrevemos as variáveis independentes que são contempladas neste trabalho.

### 3.1. Variável linguística saliência fônica

No que se refere às variáveis linguísticas, segundo Cardoso (2004, p. 412), “há evidências fortíssimas da regularidade do efeito da saliência fônica na explicitação ou não de plural no verbo em sentenças do PB”. Como mostra a autora, “os resultados comprovaram a hipótese de que quanto mais saliente/mais marcada a oposição singular/plural entre os pares verbais, maior a explicitação de plural no verbo” (CARDOSO, 2004, p. 407). Em nossa pesquisa, a hipótese era a de encontrar resultados semelhantes aos descritos por Cardoso (2004): em estruturas com nível maior de saliência fônica, como em “é/são”, a tendência seria encontrar maior ocorrência de marcas de concordância. Já em estruturas com nível menor de saliência fônica, como em “faz/fazem”, a tendência seria encontrar menor ocorrência de marcas de concordância.

Para a categorização dos dados em relação a esta variável, procedemos da mesma forma como fazem Scherre e Naro (2006), ou seja, distinguimos apenas as duas grandes oposições: [+saliente] e [-saliente], sem considerar os subníveis propostos por Lemle e Naro (1977).

### 3.2. Variável linguística traço semântico do sujeito

Quanto à variável traço semântico do sujeito, Monguilhott e Coelho (2011) afirmam que,

Em relação a esse grupo de fatores, esperávamos encontrar nas duas variedades do português uma tendência à marcação de concordância quando o traço semântico do sujeito fosse [+humano] e à não marcação de concordância quando fosse [-humano]. Essa hipótese está atrelada à idéia de que o traço [-humano] tenderia a desencadear menos marcas de concordância no verbo em função de, numa escala de “sujeitividade”, apresentar-se menos “sujeito” (MONGUILHOTT; COELHO, 2011, p. 309).

No estudo realizado pelas autoras, os resultados corroboraram as hipóteses recém mencionadas. Em sentenças em que o sujeito é representado por sintagma [+humano], a frequência de realização de marcas de não-concordância foi menor, enquanto em sentenças em que o sujeito é representado por sintagma [-humano], a frequência de realização de marcas de não-concordância foi maior. Nossa hipótese era a de encontrar resultados semelhantes àqueles observados em Monguilhott e Coelho (2011).

### 3.3. Variável extralinguística tipo de jornal

Para a realização desta pesquisa, como já mencionado, analisamos dois jornais de grande circulação no Rio Grande do Sul: *Diário Gaúcho* e *Zero Hora*. Classificamos como [+popular] o *Diário Gaúcho* por ser um jornal que não possui assinatura, embora tenha produção diária de segunda a sábado. Esse jornal custa em média um real e cinquenta centavos de segunda a sexta; no sábado, um real e setenta e cinco centavos. Pertence ao mesmo grupo de comunicação do jornal *Zero Hora* e possui um *slogan* que o classifica como “DG. Da Gente” (*Diário Gaúcho Da Gente*), o que aponta para um

público-alvo menos elitista. Trata-se, portanto, de um jornal mais popular pois é de fácil acesso a um público mais amplo, principalmente pelo baixo custo<sup>5</sup>.

Com relação ao jornal *Zero Hora*, ele foi classificado neste trabalho como [-popular], pelo fato de o preço ser de quatro reais e cinquenta centavos. Além disso, ele possui assinatura, mas não está acessível a todos os leitores, visto que, para ser assinante, o leitor precisa de um cartão de crédito para realizar a assinatura mensal, semestral ou anual, condição que não corresponde à realidade de uma ampla gama de brasileiros.

Quanto à escrita monitorada na mídia impressa, Mollica (2006) sugere

um princípio de que variantes inovadoras “preferem” textos, digamos, “mais vulneráveis” que, no *continuum* fala/escrita, carregam traços de oralidade em função de características de gênero discursivo e de nível de formalidade discursiva. Constata-se pelo estudo, no entanto, que o tipo de jornal é fator mais relevante para o favorecimento da presença da oralidade na escrita. Os filtros normativos na mídia popular não atuam tanto de tal modo que acabam por agir na direção de permitir maior presença da fala na escrita, independentemente do gênero discursivo e do tipo textual (MOLLICA, 2006, p. 171).

Como menciona Mollica (2006), por conta de os “filtros normativos” poderem atuar menos em jornais considerados [+populares], levantamos a hipótese de que o jornal *Diário Gaúcho* pudesse desfavorecer a marca de concordância nos gêneros analisados, enquanto esperava-se que o jornal *Zero Hora* favorecesse tal marca.

### 3.4. Variável extralinguística gênero textual

Para a presente pesquisa, selecionamos dois gêneros textuais considerados jornalísticos<sup>6</sup>: a notícia e o editorial. Para caracterizar os gêneros textuais como [+ ou – monitorados], buscamos respaldo teórico no *continuum* de monitoração de Bortoni-Ricardo (2018), no *continuum* da fala para a escrita proposto por Marcuschi (2010) e nos resultados da pesquisa de Marques (2010).

Segundo Bortoni-Ricardo (2018), o *continuum* de monitoração estilística se dá de um polo a outro: à esquerda fica o polo [-monitorado], e à direita, o polo [+monitorado]. De acordo com as interações comunicativas que podem ser “espontâneas” ou “planejadas”, ocorre o deslocamento nesse *continuum*. No *continuum* de monitoração estilística, se leva em conta “o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa” (BORTONI-RICARDO, 2018, p. 62-63), ou seja, o nível de monitoração do locutor vai depender se ele quer “causar uma boa impressão ou ainda porque o assunto requer um tratamento cerimonioso”. Embora Bortoni-Ricardo (2018) tenha desenvolvido esse *continuum* de monitoração para representar a fala, ele pode também ser usado para

<sup>5</sup> Outra evidência do caráter popular do jornal *Diário Gaúcho* é a campanha “Junte e Ganhe”, a partir da qual os leitores podem ganhar prêmios ao juntarem determinada quantidade de selos que acompanham as edições do jornal.

<sup>6</sup> Silva (2007) menciona que, apesar de determinados gêneros estarem presentes em jornais com a função de informar, nem sempre serão considerados um gênero jornalístico. Segundo a autora, para um gênero pertencer ao jornalismo, é necessário pertencer “à comunidade discursiva jornalística e, conseqüentemente, ser produzido por um jornalista, profissional qualificado que constitui essa comunidade e tem o conhecimento dos gêneros específicos dessa esfera de atividade social e humana” (SILVA, 2007, p. 56).

representar a escrita, como pode ser visto na Fig. 1, em que adaptamos o *continuum* de monitoração de Bortoni-Ricardo (2018), a fim de representar os gêneros que analisamos de acordo com o nível de monitoração que apresentam.

**Figura 01. *Continuum* de monitoração dos gêneros notícia e editorial**

[-monitoração]-----Notícia-----Editorial-- [+monitoração]

**Fonte: Adaptado de Bortoni-Ricardo (2018, p. 62).**

Ainda que os dois gêneros analisados neste trabalho possam estar ambos no polo correspondente a uma maior monitoração, nota-se que há uma diferença entre eles, o que pode ser corroborado pelo *continuum* da fala para a escrita proposto por Marcuschi (2010). Em tal *continuum*, há dois extremos: à esquerda estão representados os gêneros [-monitorados], e à direita estão representados os gêneros [+monitorados], tanto na fala quanto na escrita. Com relação aos gêneros notícia e editorial, Marcuschi (2010) os posiciona em pontos diferentes: enquanto a notícia está posicionada mais à esquerda, o editorial encontra-se mais à direita.

Marques (2010, p. 129), ao caracterizar o gênero editorial, afirma que ele “representa a opinião da empresa jornalística, fato que pode ser considerado como ocasionador de uma situação de maior monitoração da linguagem”. Ainda segundo a autora, “Geralmente, os leitores do editorial são pessoas mais escolarizadas, de maior convívio com a cultura letrada, o que pode fazer com que o produtor siga com maior rigidez os padrões gramaticais”.

Marques (2010) faz uma análise de quatro gêneros textuais: notícia, artigo, carta ao leitor e editorial. Quanto ao grau de monitoração presente em tais textos, a autora afirma o seguinte:

As notícias que compõem o *corpus*, sobre esporte e fatos policiais da região, abordam assuntos de interesse geral, dirigidos à massa; já os artigos costumam tratar de temas que favorecem a reflexão, a crítica, por isso são mais direcionados a um público escolarizado, ligado à cultura escrita. Nesse sentido, com base no contínuo da monitoração estilística proposto por Bortoni-Ricardo (2004), o grau de monitoração da escrita na notícia (bem como da carta do leitor) é menor que o do artigo (e do editorial) (MARQUES, 2010, p. 130).

No estudo de Marques (2010), há a análise da variação na colocação pronominal<sup>7</sup>. A próclise, que é considerada uma variante não padrão, exceto em contextos com partículas atratoras, ocorreu no gênero notícia com frequência de 77,61% e no editorial com frequência de 15,38%. Enquanto a variante considerada padrão, a ênclise, ocorreu no gênero notícia com frequência de 22,39% e no gênero editorial com frequência de 40,38%. Como podemos observar, nos dois gêneros analisados, aparecem as duas variantes, mas a variante considerada não padrão (próclise) aparece com mais

<sup>7</sup> Marques (2010) analisou a variação da colocação pronominal e do futuro do presente, além de outros fenômenos variáveis, em quatro gêneros textuais: notícia, artigo, carta ao leitor e editorial. No entanto, destacamos neste trabalho os resultados referentes aos gêneros notícia e editorial.

frequência na notícia quando comparada ao editorial, enquanto a variante considerada padrão (ênclise) ocorre com mais frequência no editorial em comparação à notícia.

Com relação ao emprego do verbo no futuro do presente, Marques (2010) mostra que a forma verbal simples (*cantará*), considerada a forma padrão, aparece no gênero notícia com frequência de 57,63% e no gênero editorial com frequência de 84,62%. Já a variante considerada não padrão, a locução verbal com verbo “ir” (*vai cantar*), ocorreu no gênero notícia com frequência de 42,32% e no gênero editorial com frequência de 15,38%. Mais uma vez, a variante não padrão (locução) é mais frequente na notícia em comparação ao editorial, enquanto a variante padrão (forma simples) ocorre mais frequentemente no editorial quando comparado à notícia.

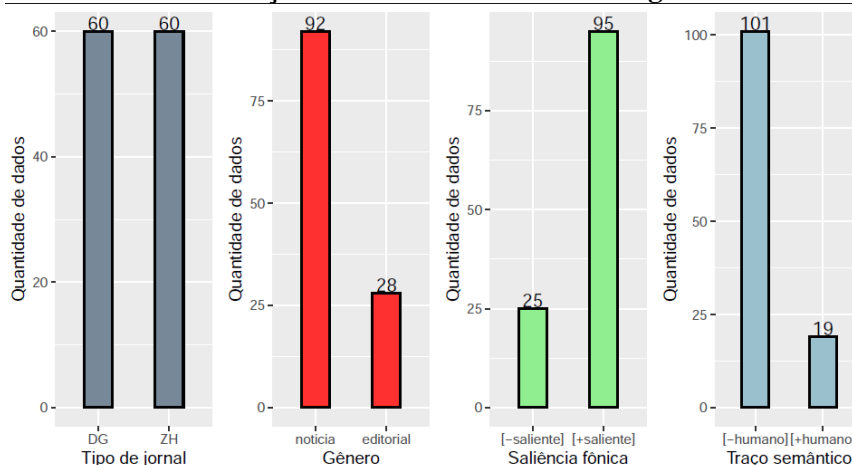
O estudo em questão traz evidências, portanto, de que o grau de monitoração na notícia é menor em relação ao editorial. Dessa forma, os resultados de Marques (2010) corroboram a forma como os gêneros estão sendo analisados como [+ ou - monitorados] neste trabalho. Na próxima seção, apresentamos e discutimos os resultados.

#### 4. Apresentação e discussão dos resultados

Identificamos um total de 120 dados de sujeito posposto no *corpus* sob análise. Ao contrário do que era esperado, não houve variação, uma vez que, em todos os dados, foi constatada a presença de marca de concordância.

Diante de tal resultado, buscamos verificar como se deu a distribuição dos dados em relação às variáveis extralinguísticas e linguísticas, a fim de observar se havia uma concentração de ocorrências em contextos favorecedores. Tal distribuição pode ser visualizada na Fig. 2, na qual, no interior de cada variável, a primeira coluna representa os fatores que, por hipótese, poderiam se mostrar potencialmente desfavorecedores da concordância verbal (*Diário gaúcho*, notícia, [-saliente] e [-humano]), e, na segunda coluna, estão representados os fatores que, por hipótese, poderiam se mostrar potencialmente favorecedores da concordância verbal (*Zero Hora*, editorial, [+saliente] e [+humano]).

Figura 02. Gráficos da distribuição dos dados nas variáveis linguísticas e extralinguísticas



Fonte: Elaboração própria.

Como podemos ver na Fig. 2, em relação às variáveis analisadas neste trabalho, houve a ocorrência de dados tanto nos fatores considerados como potencialmente desfavorecedores da concordância verbal (*Diário Gaúcho*, notícia, [-saliente] e [-humano]), quanto nos fatores considerados como potencialmente favorecedores (*Zero Hora*, editorial, [+saliente] e [+humano]).

No gráfico referente ao tipo de jornal, podemos observar que os dados estão igualmente distribuídos entre o fator potencialmente desfavorecedor à concordância verbal (*Diário Gaúcho*) e o fator potencialmente favorecedor à concordância verbal (*Zero Hora*). Vejamos excertos dos dois jornais, respectivamente. Nos exemplos, o negrito destaca o verbo, e o itálico, o núcleo do sujeito.

- 1) “**Seguem** os *serviços* programados do Dmae na Avenida Manoel Elias, na capital” (*Diário Gaúcho*, 19 de setembro de 2020).
- 2) “**Dizem** os *mitólogos* que era o mais inteligente dos titãs” (*Zero Hora*, 18 de setembro de 2020).

A variável tipo de jornal não se mostrou relevante para condicionar a ocorrência da concordância verbal, de maneira que a hipótese de que o jornal popular poderia favorecer a ausência de marcas de concordância, formulada neste trabalho com base nos resultados de Mollica (2006), não se confirmou.

No segundo gráfico, que apresenta os resultados para a variável gênero textual, podemos observar que há mais dados no fator potencialmente desfavorecedor à concordância verbal (notícia) do que no fator potencialmente favorecedor à concordância verbal (editorial). Os exemplos abaixo são do gênero notícia e editorial, respectivamente.

- 3) “**Estão liberadas** também as *atividades* do técnico” (*Zero Hora*, 22 de setembro de 2020).
- 4) “**Foram emplacadas** 12.622 *unidades* em agosto, alta de 5, 86% sobre julho” (*Zero Hora*, 18 de setembro de 2020).

A discussão de Marques (2010) mostra que o gênero notícia pode ser considerado [-monitorado] em relação ao editorial, fato em que se baseou nossa hipótese de que o gênero notícia poderia ser um fator favorável à não-concordância verbal, o que não se confirmou em nossos resultados.

No terceiro gráfico, em que são apresentados os resultados da variável saliência fônica, podemos observar que há mais dados no fator potencialmente favorecedor à concordância ([+saliente]) do que no fator potencialmente desfavorecedor ([-saliente]). Os dados abaixo exemplificam cada fator, respectivamente.

- 5) “**Foram ouvidos** *médicos, enfermeiros, pacientes, doadores e familiares* envolvidos na realização de transplantes” (*Zero Hora*, 1º de outubro de 2020).
- 6) “**Devem aparecer** novas *denúncias* de urnas falsas em estados governados por democratas” (*Zero Hora*, 1º de outubro de 2020).

A hipótese formulada a partir de Cardoso (2004), de que em contextos com nível menor de saliência fônica poderia haver favorecimento à não concordância verbal, em nosso estudo não se confirmou.

O quarto gráfico apresenta os resultados da variável traço semântico do sujeito. Podemos observar que há mais dados no fator potencialmente desfavorecedor à concordância ([-humano]) do que no fator potencialmente favorecedor ([+humano]), respectivamente exemplificados na sequência.

7) “**Foram gravadas** 97 horas entre setembro do ano passado e abril de 2020” (*Zero Hora*, 1º de outubro de 2020).

8) “**Foram contatados** os povos terena, bororó, paraná e yawalapiti” (*Zero Hora*, 23 de setembro de 2020).

A hipótese formulada a partir dos estudos de Monguilhot e Coelho (2011), de que, quando o sujeito fosse ([-humano]), esse fator poderia desfavorecer a ocorrência da concordância verbal, em nosso estudo não se confirmou.

Tendo verificado que não houve uma concentração de ocorrências em contextos potencialmente favorecedores à presença de marcas de concordância (com exceção da variável saliência fônica), observamos como os dados se manifestavam em relação à combinação de fatores. Dos 120 dados coletados, apenas dois reuniam todos os fatores potencialmente favorecedores à concordância: *Zero Hora*, editorial, [+saliente] e [+humano].

9) “**Foram ouvidos** médicos, enfermeiros, pacientes, doadores e familiares envolvidos na realização de transplantes” (*Zero Hora*, 1º de outubro de 2020).

10) “**Restaram** poucos amigos, que hoje não cabem em uma mão” (*Zero Hora*, 22 de setembro de 2020).

Do total de dados coletados, apenas oito reuniram todos os fatores potencialmente desfavorecedores à concordância: *Diário Gaúcho*, notícia, [-saliente] e [-humano]. Abaixo, trazemos dois exemplos.

11) “**Existem** também peças masculinas, femininas e infantis” (*Diário Gaúcho*, 02 de outubro de 2020).

12) “**Podem retornar** educação infantil e ensino médio - diz Bruno Eizerik, presidente do sindicato” (*Diário Gaúcho*, 02 de outubro de 2020).

O restante dos 110 dados apresentou uma combinação de fatores potencialmente favorecedores e desfavorecedores à concordância verbal. Para exemplificar, trazemos dois dados. Em (13), a combinação é *Zero Hora*, notícia, [+saliente] e [-humano]; em (14), é *Diário Gaúcho*, editorial, [-saliente], e [+humano].

13) “**Foram distribuídas** apenas sete das nove vagas da câmara por esses critérios” (*Zero Hora*, 1º de novembro de 2020).

14) “Sim, **existem** alguns que adoram transar com garotas de programas” (*Diário Gaúcho*, 12 de outubro de 2020).

Os resultados obtidos neste trabalho podem ser uma evidência para a existência de duas gramáticas: uma gramática da fala e uma gramática da escrita, como defendem Duarte e Serra (2015), segundo as quais “Como a gramática da fala é dinâmica e variável e a da escrita é mais conservadora (embora também apresente variação), sempre haverá razoável distância entre uma modalidade e outra” (DUARTE; SERRA, 2015, p. 41).

## 5. Considerações finais

Por meio dos resultados obtidos, verificamos que não houve variação na realização da concordância verbal com sujeito posposto no *corpus* sob análise. Acreditamos que o fato de não encontrar dados de não-concordância em nosso trabalho pode estar ligado ao processo de normatização na escrita, associado ao fato de que o fenômeno variável concordância verbal é fortemente estigmatizado em comparação com outros fenômenos cuja variação já se encontra registrada na escrita. Esse trabalho aponta, assim, para a necessidade da realização de pesquisas que verifiquem a avaliação dos falantes, considerando não apenas sua produção, mas também sua percepção em relação a fenômenos variáveis, como destaca Freitag (2016). Tais levantamentos permitiriam observar se o estigma que atua na fala se comporta de uma maneira diferenciada quando se trata da escrita, de forma a responder, no que diz respeito ao objeto em análise neste trabalho, se a ausência de marca de concordância com sujeito posposto não é estigmatizada na fala, mas o é na escrita.

Estudos como o apresentado neste artigo podem auxiliar no entendimento sobre os fenômenos da variação linguística presentes na fala e na escrita, o que traz contribuições a descrições sobre o português brasileiro e a uma possível teoria da mudança na escrita, cuja necessidade de formulação é destacada por Mollica (2006). Além disso, professores e futuros professores de língua portuguesa podem se beneficiar de pesquisas como esta, uma vez que seus resultados podem auxiliar na discussão sobre a estigmatização linguística e no seu combate no contexto escolar.

Por fim, destacamos que o trabalho tem possibilidade de continuidade, a partir da ampliação do *corpus*, o que pode trazer subsídios para uma discussão apenas apontada aqui: a possibilidade, defendida por Duarte e Serra (2015), de haver uma gramática da fala e uma gramática da escrita. Tal ampliação poderia incluir, por exemplo, a análise de um gênero jornalístico localizado mais à esquerda no *continuum* proposto na Fig. 1, bem como a observação das edições on-line dos jornais aqui analisados.

## Referências

BORTONI-RICARDO, S. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2018.

CARDOSO, C. R. O princípio da saliência fônica na concordância verbal em três contextos interacionais distintos. In: XX JORNADA GELNE, 20. 2004, João Pessoa-PB, *Anais* [...]. João Pessoa: UNB, 2004. p. 405-414.

DUARTE, M. E. L.; SERRA, R. C. Gramática(s), ensino de português e “adequação linguística”. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 36, p. 31-55, 2015.

FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *D.E.L.T.A.*, v. 32, n. 4, p. 889-917, 2016.

GOMES, C. A. Uso variável do dativo em textos jornalísticos. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 7-19, 2007.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEMLE, M.; NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.

LOPES, C. R. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. R. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 103-119.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARQUES, R. A. *O padrão culto escrito em uso no Brasil em gêneros textuais do domínio jornalístico*. 2010. Tese (Faculdade de Letras UFMG). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MOLLICA, M. C. Sobre processos sintáticos que migram da fala para a escrita. In: FACE, T. L.; KLEE, C. A. (orgs.). *Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2006. p. 167-171.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 7-14.

MONGUILHOTT, I. O.; COELHO, I. L. Sujeito: entre ordem e concordância. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 307-328, 2011.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 2006.

SILVA, H. P. *Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia*. 2007. Dissertação (Mestrado em linguística). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

TESCH, L. M.; YACOVENCO, L. C.; SCHERRE, M. M. P. Variação e mudança na fala e na escrita: caminhos e fronteiras. *Revista (Con)textos Linguísticos*, Vitória, v. 8, n. 10.1, p. 88-101, 2014.

VIEIRA, S. R. Concordância verbal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. R. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 85-113.